

A INFLUÊNCIA DO CETICISMO EPISTEMOLÓGICO NO PENSAMENTO DE LUTERO

Matheus Sena Aguiar (IC) e Christian Brially Tavares de Medeiros (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O objetivo da pesquisa é fazer uma análise do ceticismo, tanto pirrônico como acadêmico, para que assim possamos entender o motivo pelo qual esse pensamento estava tão presente e, o motivo dele ter influenciado tantos pensadores do século XVI.

Também faremos um paralelo entre as críticas da Igreja à Lutero, dizendo que o seu critério era influenciado pelo ceticismo e que, esse tipo de pensamento levaria o povo à uma anarquia religiosa; e as críticas de Lutero à Igreja, afirmando que ao contrário do que a Igreja dizia, ele não tinha o ceticismo como base, pois um cristão jamais poderia ser um cético, e que na verdade, quem pensava de forma cética era a Igreja. Esses embates serão expostos principalmente através dos conflitos entre Erasmo de Roterdã e Lutero.

Como objetivo geral, através dessa pesquisa pretende-se trazer à luz um tema que ainda é pouco explorado, principalmente quando nos referimos ao cenário teológico/filosófico brasileiro. Existe a necessidade de se tratar deste assunto pois, se o ceticismo de fato influenciou o pensamento de Lutero, ou até mesmo o da Igreja, talvez precisaremos olhar para o presente, que é fruto de tudo o que aconteceu, e começar a fazer conexões com questões que não havíamos feito ou pensado.

Palavras-chave: Lutero; Ceticismo; Erasmo.

ABSTRACT

The aim of the research is to make an analysis of skepticism, both pyrrhonian and academic, so that we can understand why this thought was so present and why it influenced so many thinkers in the 16th century.

We will also draw a parallel between the Church's criticisms of Luther, saying that his criterion was influenced by skepticism and that this type of thinking would lead the people to religious anarchy; and Luther's criticisms of the Church, stating that contrary to what the Church said, he did not have skepticism as a basis, since a Christian could never be a skeptic, and that in fact, the Church was the skeptical thinker. These clashes will be exposed mainly through the conflicts between Erasmus of Rotterdam and Luther.

As a general objective, this research aims to bring to light a theme that is still little explored, especially when we refer to the Brazilian theological / philosophical scenario. There is a need to address this issue because if skepticism did in fact influence Luther's thinking, or even that of the Church, we may need to look at the present, which is the fruit of everything that has happened, and start making connections with issues that we hadn't asked or thought about.

Keywords: Luther; Skepticism; Erasmus.

1. INTRODUÇÃO

Apesar da rejeição que a nomenclatura carrega, o ceticismo é uma das correntes filosóficas mais comuns da humanidade. Não é algo muito incomum notarmos a feição de surpresa de uma pessoa que é chamada de cética após posicionar-se em um determinado assunto.

Vivemos em uma época onde tudo se tornou questionável. Crenças, verdades antes consideradas absolutas, hierarquias, tradições etc. Através dessa liberdade do pensamento, o ceticismo é um grande aliado do desenvolvimento crítico de uma sociedade. A grande máxima do ceticismo, é desenvolver uma sociedade democrática, plural e tolerante, onde muitas culturas e povos possam conviver juntamente em paz. (SMITH, 2004).

Apesar de não desenvolver essas máximas na prática, o ceticismo é de extrema importância para a história da humanidade. Foi por conta do ressurgimento do pensamento cético em meados do século XV e XVI que a filosofia moderna ganhou corpo, isso é um pensamento demonstrado por Richard Popkin em seu livro *A história do Ceticismo de Erasmo a Espinoza* (1979). Não seria possível termos a noção atual de grandes dúvidas e questionamentos filosóficos, científicos e teológicos, sem o auxílio do ceticismo.

O cético será sempre um crítico, alguém que questiona, duvida e investiga. O cético jamais poderá ser alguém que se contenta diante de um pensamento dogmático ou, que se acomoda com o fato de não entender ou não saber determinado assunto. Ele vive uma vida zetética, onde jamais para com sua investigação filosófica. Mas então, onde é que o pensamento cético se torna um “vilão” quando o assunto é desenvolvimento crítico e intelectual? Exatamente no mesmo ponto onde ele o ajuda.

Minha hipótese, e neste ponto tendo a concordar com Oswaldo Porchat Pereira que bem diz em seu livro *Rumo ao ceticismo*, que o ceticismo puro, em sua essência, sempre conduzirá à uma vida adoxástica, ou seja, sem opinião final. É um tanto quanto paradoxal pensar que uma linha filosófica que instiga a busca pelo conhecimento e entendimento das coisas, o torne, ao mesmo tempo, uma pessoa sem opinião. O indivíduo se entrega a viver uma vida comum (*ho bíos ho koinós*). O homem passa a viver quase que uma vida intuitiva, seguindo seus próprios instintos e vontade, deixando de lado o questionamento dos porquês. (PEREIRA, 2006).

Da mesma forma, o ceticismo acarretará em uma vida sem qualquer dogmatismo, o que pressupõe uma suspensão de juízos e valores não apenas em questões filosóficas, mas no pensamento universal.

Há também uma espécie de problema *ad infinitum*, por haver uma suspensão de juízo, o ceticismo não permite que se assuma um argumento como ponto de partida, pois o contrário

também sempre será levado em consideração. Além do problema cíclico aqui causado, isso levará o indivíduo a argumentações irrealis e até mesmo ridículas. Pois quando se suspende os juízos e os valores, praticamente assumimos um papel relativista, onde qualquer coisa se torna base ou parâmetro para um argumento, seja um sonho, seja uma alucinação, ou até mesmo uma mentira.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Com base no que foi dito, vemos que o ceticismo é uma corrente filosófica bastante presente ainda nos dias de hoje e, conseqüentemente, ela estava presente também durante um dos processos mais importante de revolução cultural, econômica e religiosa da história, a reforma protestante. Portanto, resta-nos por toda essa trajetória e entender se houve influência cética durante todo este processo.

2.1. O PIRRONISMO

O pirronismo foi uma corrente filosófica do período Helenista. Ela recebe este nome por ter sido iniciada pelo filósofo Pirro de Élide, que viveu na região de Élide, situada na costa ocidental do Peloponeso. Pirro viveu muito provavelmente entre 360 e 270 a.C.

Pirro de Élide, juntamente com Anaxarco, foram bastante influentes no reinado de Alexandre, O Grande, tendo participado de algumas explorações no oriente juntamente com ele. Pirro também, estudou por um tempo na região da Índia, onde sofre bastante influência dos *gimnosofistas*, seguidores de uma corrente filosófica que buscava o completo asceticismo, ou seja, a busca de desenvolvimento espiritual completo, que não se importava em abdicar de necessidades básicas e primárias, como o uso de roupas e de se alimentar, por considerar que essas coisas poderiam ser empecilhos na busca dessa completude espiritual.

Sendo assim, podemos ver grande influência dessa corrente filosófica nos atos e pensamentos de Pirro de Élide, que por sua vez, vivia uma vida completamente despreziosa, se podemos assim dizer.

De acordo com escritos de Diógenes Laércio, um grande historiador e biógrafo do século primeiro, no qual deixou grandes escritos sobre os filósofos da antiguidade, Pirro de Élide era tão radical com seu modo “cético” de viver, baseado nas influências *gimnosofísticas* que, chegava a agir de maneira insensata, onde não fazia questão de se proteger de perigos que cruzavam seu caminho, como penhascos, cães e carroças.

Essas atitudes drásticas de Pirro também nos remetem às suas influências da escola Megárica, que por sua vez, foi influenciada pelo estoicismo, que pregava justamente isso, uma vida despreziosa, por assim dizer. O estoicismo dizia que você poderia reconhecer melhor a filosofia de um indivíduo através de seu comportamento, e não apenas pelo que dizia ou respondia. Para eles, tudo o que acontecia ou poderia acontecer, estava intimamente ligado à natureza, ou seja, nada estava no controle do homem, nem mesmo uma possível tentativa de se proteger de um infortúnio como cair de um penhasco, por exemplo.

2.2. CÉTICISMO E LINGUAGEM

Através do estudo de Richard Popkin *A História do Ceticismo de Erasmo a Espinoza* (1979), vemos que a ascensão do ceticismo pirrônico durante o século XVI foi de extrema importância para o desenvolvimento da filosofia moderna. A influência dos argumentos céticos é tamanha que, a maioria das principais dúvidas teológicas e filosóficas da história moderna não poderiam ser entendidas sem eles.

Um ponto muito pouco explorado no processo de entendimento da influência do ceticismo no pensamento moderno, é a questão da linguagem. Entretanto, desde os tempos de Sexto Empírico, vemos um interesse dos céticos por essa temática. De acordo com Platão (453a), “a retórica é a criadora da persuasão por meio das palavras, tendo sua eficácia nas próprias palavras, sendo persuasiva, e não instrutiva” (apud., EMPÍRICO, 2013, p.3).

Podemos notar esse interesse também em obras como *Hipotiposes Pirrônicas II, X e XI*. E também em *Contra os Matemáticos I e VIII*. Sendo assim, minha pretensão é dar continuidade às questões da linguagem já observadas por Popkin, mostrando como a linguagem teve importância fundamental no posicionamento cético quanto às aspirações racionalistas, buscando uma espécie de alternativa para exposições da realidade, isto é, na transição entre a teoria das ideias e a teoria do significado.

A principal crítica dos céticos contra os racionalistas, é o apelo que os mesmos atribuem a si em razão da capacidade de se dominar questões do intelecto. As pretensões racionalistas são basicamente de conhecer o real tal como ele é, sendo assim, adentrar em sua essência, ponto explorado pelo realismo epistemológico combatido também pelos céticos.

Segundo Danilo Marcondes em seu artigo *O Argumento do Conhecimento do Criador e o Ceticismo Moderno* publicado em 2007, os argumentos céticos, visando principalmente estabelecer limites ao conhecimento, abriram caminho para a consideração da linguagem como alternativa ao modelo racionalista de mente na fundamentação do conhecimento. Sendo assim, a linguagem torna-se um instrumento importante na argumentação cética, onde eles a utilizam como forma de substituir o conhecimento real através do intelecto. (FILHO, 2007)

2.3. A INFLUÊNCIA DAS TRADUÇÕES LATINAS DAS HIPOTIPOSES PIRRÔNICAS NO SÉCULO XVI

Pirro teve uma influência fundamental na história do ceticismo, porém, da mesma forma que Sócrates, ele também não registrou ou documentou suas ideias, deixou isso à cargo de seus discípulos.

Os escritos sobre Pirro de maior valia, são provavelmente os de Diógenes Laércio, que, através da sua narrativa, apresentam Pirro como um homem dedicado à sua filosofia e, de certa forma, até mesmo excêntrico.

Um dos mais famosos e proeminentes discípulos de Pirro foi Timão, um autor de poemas satíricos e um leitor muito assíduo que teria vivido entre 315 e 225 a.C. Timão, diferentemente de Pirro, escreveu seus pensamentos para que eles se perpetuassem através do tempo. Sobre isso Batista (2012) diz: “Depois de Timão, é incerto se houve ou não uma linha sucessória de pirrônicos até Sexto Empírico. Mais provável é que a linhagem tenha se rompido com Timão e só reaparecido muito depois, com Enesidemo” (BATISTA, 2012, p. 23).

Apesar dos cétricos gregos terem produzido uma quantidade substancial de escritos, poucos desses escritos sobreviveram ao tempo. Portanto, muitos destes escritos sobreviveram de modo indireto, através de escritos de autores tardios como Diógenes Laércio e, especialmente Sexto Empírico. Sobre isso, Conte diz:

Os escritos de Sexto Empírico reapareceram na segunda metade do século 16. Primeiramente, numa tradução latina das Hipotiposes pirrônicas realizada por Henri Estienne, publicada em Paris em 1562. Logo em seguida, em 1569, numa tradução latina da obra *Adversus mathematicos*, realizada por Gentien Hervet. Foram esses textos que mais contribuíram para o surgimento do pensamento cético no início da filosofia moderna (CONTE, 2010, p. 356).

O ceticismo então, reaparece de forma mais abrupta no século XV com o ressurgimento das obras de Sexto na Itália. Sendo assim, o ceticismo voltou a figurar entre o pensamento filosófico europeu (CONTE, 1996).

A Europa passava por um processo de ascensão cultural durante os séculos XV e XVI, o que a modernidade denomina de Renascimento ou Renascença. A predominância do pensamento crítico sobre a realidade transformou a sociedade e o entendimento do

mundo antigo. A desestabilização do feudalismo e a ascensão do comércio com as grandes navegações, também ajudou a transformar a sociedade daquele período.

[...] o movimento da sociedade ocidental estaria programado desde a Idade Média e conduziria à modernidade através de um progresso contínuo, linear, ainda que se registrem pausas, solavancos, retrocessos. Este modelo mascara a real complexidade das observações significativas, a diversidade, a disparidade que contam entre as principais características da sociedade ocidental do século XVI ao XVIII: inovações e sobrevivências, ou o que assim chamamos, são indistinguíveis (ARIÈS & GEORGES, 2009, p.9)

A modernidade é marcada por diversas turbulências, entre elas rupturas e disputas de poderes em praticamente todos os setores da sociedade, seja político, religioso, econômico, social ou científico.

Alguns historiadores buscam compreender melhor o antigo regime, e para um deles, Norbert, o melhor objeto de análise para o mundo antigo é a corte, já que ela é o símbolo máximo de poder político e social naquele período. Em seu livro “A sociedade de Corte”, ele diz: e “(...) a corte real do Antigo Regime sempre acumulou duas funções: a de instância máxima de estruturação da grande família real e a de órgão central da administração do Estado como um todo, ou seja, a função de governo” (NOBERT, 2001, p.27).

O ceticismo fideísta surge neste contexto com a filosofia de Michel de Montaigne e seus discípulos. Não podemos de forma alguma generalizar o termo “ceticismo fideísta”, pois haviam diversas correntes deste mesmo pensamento por toda a Europa. Sobre isso, os primeiros a contribuírem com o ressurgimento da tradição cética, foram os cristãos.

[...] a perspectiva segundo a qual a verdadeira sabedoria cristã antitética a qualquer forma de ciência racional. A fé não pode ser fundamentada racionalmente sendo ela compatível, portanto, como ceticismo epistemológico. O fideísmo cético se vale da descontinuidade entre evidência – ou falta dela – e crença – ou superstição (MAIA, 1994, p. 63).

O ceticismo induz o intelecto para que ele praticamente admita a fé, o colocando a parte de todos os princípios humanos como opiniões, sabedoria, paradigmas e etc. De acordo com Maia: “O ceticismo não seria somente compatível com esta perspectiva religiosa, mas seria até mesmo útil” (MAIA, 1994, p. 64), sendo assim, o autor propõe uma maneira de relacionar o ceticismo com a religião, de modo que o pensamento cético e a dúvida pirrônica fossem uma espécie de contribuintes para que a fé floresça. Da Costa diz:

Em Montaigne, a postura cética quanto à religião não se reduz a uma simples acomodação externa às práticas religiosas tradicionais, mas o ceticismo epistemológico torna-se o ponto de vista filosófico mais propício a uma fé autêntica, já que, eliminando as ilusões de certeza produzidas pela reflexão dogmática, evidenciaria a insuperável precariedade da razão humana (sobretudo quando esta se arvora a julgar os mistérios da religião) e, com isso, tornaria o homem apto a acolher uma espécie de verdade que ultrapassa os limites de sua razão, sendo acessível apenas por obra da graça divina (DA COSTA, 2011, p. 52).

Portanto, deste modo, Montaigne faz uma dicotomia entre essas duas correntes da filosofia cética: a tradição filosófica cética contribui para um exercício crítico e metodológico do pensamento humano, ao mesmo tempo que, a tradição fideísta apoiando-se em Santo Agostinho demonstra a magnificência da fé sobre a razão como caminho para o conhecimento de Deus (DA COSTA, 2011). Assim, o pensamento de Montaigne visa demonstrar que “nenhum argumento racional pode dar a palavra final sobre os inefáveis mistérios da religião, devendo esta fundamentar-se em uma fé que, reconhecendo a pequenez humana, se curva diante da grandeza divina (FRANCO, 2011, p.65).”.

2.4. QUESTIONAMENTOS DOS CRITÉRIOS DE VERDADE E A REFORMA PROTESTANTE

A sociedade antiga tinha como característica a centralização do estado, deste modo, eles mantinham a economia estabelecida e, também, era uma maneira de se manterem organizados. Durante a transição da sociedade medieval para a sociedade moderna, alguns antigos aspectos ainda foram mantidos, porém, um dos pontos principais dessa transição aconteceu justamente com o estado. De acordo com Franco: “Apenas a partir de meados do século XIII o Estado começou a ganhar o sentido atual de corpo político submetido a um governo e a leis comuns, e somente em fins do século XV essa acepção tornou-se usual” (Ibid.).

O período da Baixa Idade Média trouxe com ele uma ascensão social e comercial, mas, ao mesmo tempo, novos paradigmas sociais iam surgindo. A alta nobreza, juntamente com uma burguesia emergente foram ficando fortes demais para o poder político e religioso que a Igreja Católica Romana detinha, a igreja já não conseguia mais suprir os anseios do povo. Sendo assim, a Igreja Católica começou a sofrer grandes disputas tanto internamente quanto externamente durante o período da Baixa Idade Média. Sobre isso Franco diz: “Nessa fase complicada para a Igreja, ocorreram diversos choques de interesse entre mendicantes e clérigos seculares. Os primeiros criticavam os costumes mundanos dos segundos, e estes acusavam aqueles de incitar os fiéis contra a Igreja” (Ibid., p. 70).

Durante o século XIII, o continente europeu passava por um momento de alívio em sua história. Com o fim das cruzadas e a diminuição das guerras, houve um crescimento demográfico no continente. Porém, estes momentos de paz logo viriam a ruínas por conta das epidemias que vieram juntamente com o século XIV, cerca de um terço da população europeia foi dizimada. Com um caos social instaurado, o imaginário religioso na época via como única razão para tais acontecimentos tão tenebrosos, uma ação punitiva por parte de Deus para com o povo, e com isso, as pessoas já aguardavam o retorno escatológico do messias prometido. Bastos, em sua obra “Pecado, Castigo e Redenção: a Peste como Elemento do Proselitismo Cristão (Portugal, Séculos XIV/XVI):

A assimilação das epidemias a um castigo divino explicita-se como um processo de investimento de sentido cujos principais artífices foram membros da Igreja, que o instrumentalizaram, instituindo e disseminando esta concepção através de discursos (orais e escritos), imagens, ritos e cerimônias estabelecidas, salvo engano, no Ocidente a partir de fins do século V. Nas sociedades ocidentais, tal qual a doença, a formulação da interpretação cristã desta inscreve-se na longa duração, sorvendo o manancial veterotestamentário para circunscrever um campo primordial de referência (BASTOS, 1997, p.80).

Com a chegada da Idade Moderna, já durante os séculos XV e XVI, a contínua ascensão da burguesia, o colapso do feudalismo e o enfraquecimento dos princípios medievais, tiram a totalidade do poder político, religioso e econômico das mãos da Igreja e, os concentram nas mãos de um único indivíduo, o rei.

Neste mesmo contexto, durante o século XVI, surgia um movimento que viria estremecer as bases religiosas da Alemanha e, posteriormente, de toda a Europa, a reforma protestante. Com isso, toda a Alemanha está entranhada com guerras religiosas que a dividiram em basicamente dois “territórios”: o Norte protestante e o Sul católico.

A reforma protestante transformou completamente o cenário político e religioso da época, o que levou a uma ruptura da unidade cristã que existia no mundo, ou seja, já não existia mais uma hegemonia católica romana. O pensamento religioso neste período surge como um ato revolucionário de subjetividade, quebrando de vez com dogmatização religiosa que a Igreja Católica impunha.

Lutero propôs uma reflexão sobre a discussão acerca do critério de verdade a partir da interpretação bíblica por meio da iluminação do Espírito Santo, se desatando dos critérios milenares das autoridades Papais da Igreja, do Magistério e dos Concílios.

Um dos principais argumentos de Lutero contra a Igreja Católica foi apontar a objeção entre seus dogmas e suas práticas, principalmente ao que se refere a cobrança de pesadas

indulgências como práticas salvífica e, a vida completamente mundana que os sacerdotes católicos estavam levando. Dessa forma, Lutero constrói sua crítica contra a Igreja e começa a questionar seus dogmas e tradições baseado em sua própria consciência e interpretação bíblica. Segundo Da Silva (...) “Lutero estende a sua crítica até mesmo à autoridade papal e às tradições da igreja, apresentando para isso um novo critério para se contrapor ao critério católico. Este novo critério adotado por Lutero foi à consciência” (DA SILVA, 2008, p. 20).

Lutero defende então diante das autoridades eclesiásticas que aquilo que a sua consciência o impele a crer no que se refere à leitura das Sagradas Escrituras e ao estabelecimento das crenças cristãs é o que deve ser tomado como a verdade. Em outros termos a consciência era o novo critério adotado por Lutero. (DA SILVA, 2008, p. 13)

Segundo Giovanni Reale (2004): “do ponto de vista histórico, o papel de Lutero é da maior importância, pois com sua Reforma religiosa logo se entrelaçaram elementos sociais e políticos que mudaram a fisionomia da Europa” (REALE, 2004, p. 71). Entretanto, Lutero também influenciou grandemente o pensamento filosófico, seu pensamento revolucionário exerceu grande impacto e influência das ideias de Hegel e Kierkegaard por exemplo. Sobre isso, Reale nos diz:

Entretanto, Lutero merece um lugar também em termos de história do pensamento filosófico, seja porque verbalizou a instância de renovação o que os filósofos da época fizeram valer, seja por algumas valências teóricas (sobretudo de caráter antropológico e teológico) intrínsecas ao seu pensamento religioso, seja ainda pelas consequências que o novo tipo de religiosidade por ele suscitado exerceu sobre os pensadores da época moderna (por exemplo, sobre Hegel e Kierkegaard) e da época contemporânea (Ibid.).

O pensamento cético só irá ressurgir na Europa na segunda metade do século XVI, por meio de uma tradução latina das *Hipótiposes Pirrônicas de Sexto Empírico*, publicada em Paris e, posteriormente com a publicação de outra obra de Sexto, a *Adversus Mathematicos*.

O reingresso do ceticismo ao campo da filosofia ocidental coincide com o período da Reforma, época de crise na qual as certezas que imperavam durante a Idade Média são postas em questão e novas visões do mundo são propostas, pretendendo revelar os segredos do ser e do conhecer, do natural e do sobrenatural, do Homem e de Deus. Nesse contexto de acirradas disputas filosóficas e teológicas, as obras de Sexto Empírico são redescobertas e difundidas, influenciando, em maior ou menor grau, diversos pensadores, dentre eles Erasmo de Roterdã em sua controvérsia com Lutero acerca do livre arbítrio e da graça divina (COSTA, 2011, p.53).

O propósito de Lutero era desenvolver uma consciência livre, completamente desatada da Igreja. Ele conseguiu isso através do argumento da subjetividade e iluminação do Espírito Santo, com isso, Lutero deu a chance para que pessoas leigas e com menos capacidade intelectual interpretassem também a Bíblia de forma espontânea. Não demorou muito para que a Igreja Católica o percebesse como uma grande ameaça, colocando em risco todas as suas tradições e verdades, então a Igreja logo o considerou um herege. Neste contexto, vemos o início do problema fundamental, de acordo com Popkin:

Uma das principais vias através das quais as posições céticas penetraram no pensamento do final do Renascimento foi uma disputa central na Reforma, a disputa acerca do que seria o padrão correto do conhecimento religioso, o que era chamado "a regra de fé". Este argumento levantava um dos problemas clássicos dos pirrônicos gregos, o problema do critério de verdade (POPKIN, 2000, p. 25)

A revolução de pensamento proposta por Lutero causou grandes conflitos com teólogos católicos, onde neste período surge Erasmo de Rotterdam. Como forma de oposição ao pensamento de Lutero, Erasmo se utiliza de argumentações céticas dizendo que, a Bíblia é um livro muito complexo, contendo passagens extremamente delicadas e nebulosas, passagens estas que, seriam inacessíveis a compreensão do homem dada a limitação da razão humana de tornar claro os critérios de verdadeiro e falso. Para Erasmo, as escrituras não encontram sua clareza através dos argumentos de Lutero. Sobre isso, Da Silva diz:

Por consequência, as escrituras não são tão claras quanto Lutero afirma e seu critério não poderia resolver o problema: outros critérios poderiam ser adotados para estabelecer outras interpretações que poderiam em princípio ser tão corretas quanto à de Lutero. Com isso Erasmo termina por defender um tipo de fé cristã simples sem a necessidade do tipo de investigação acerca dos critérios para o estabelecimento do conhecimento religioso empreendida pelos teólogos, devido à divergência de opiniões que estas investigações suscitam (DA SILVA, 2008, p.14).

Toda a fundamentação teórica utilizada por Erasmo para criticar os critérios de Lutero tem por base a filosofia cética, onde ele se utiliza do argumento sobre o paradigma da verdade muito utilizado pelos céticos gregos. Sendo assim, podemos notar que as Hipotiposes Pirrônicas influenciaram muito não só o pensamento de Erasmo, como toda a filosofia moderna.

Para Erasmo, era completamente fora de questão o limitado raciocínio humano desvendar os mistérios e enigmas propostos por Deus, e neste caso, o melhor a se fazer era suspender o juízo de forma cética e permanecer fiel à tradição da Igreja Católica. Para Popkin, “uma vez que ele se sentia incapaz de distinguir o verdadeiro do falso com certeza, preferia que a instituição que vinha sendo responsável por esta distinção durante séculos assumisse a responsabilidade disto.” (POPKIN, 2000, p.34).

As argumentações de Lutero contra as contestações de Erasmo nos mostram que, ele adota suas proposições como sendo a verdadeira postura cristã, mostrando que o cristão não deveria fazer uso do pensamento cético, tendo em vista que, sua proposição de regra de fé mostrava o verdadeiro cristianismo puro e simples através da leitura direta das Escrituras. Sendo assim, adotar um pensamento cético diante dessas verdades seria o mesmo que negar o próprio cristianismo. Portanto, Lutero se mostra em contundente oposição ao pensamento cético, mostrando que o cristianismo é uma negação do ceticismo.

Neste contexto, Erasmo pode ser considerado um cético moderado, já que está disposto a suspender o seu juízo para evitar perspectivas extremas e injustificadas. O ceticismo radical propõe uma visão mais racional e filosófica que levanta dúvidas sobre a confiabilidade das evidências oferecidas para justificar qualquer coisa em questão, ou seja, se as evidências não forem completamente satisfatórias, imediatamente o cético radical suspenderá seu julgamento. O cético moderado não se opõe à religião, no entanto, ele apenas a considera uma crença, não uma verdade absoluta.

Em seu livre *The Bondage of the Will* [O cativo da Vontade] (1525), Lutero diz que afirmações firmes são fundamentais para fé cristã. Sobre isso, Lutero escreve: "(...) O homem deve se deliciar com as afirmações ou não será cristão... Estou falando sobre a afirmação daquelas coisas que nos foram divinamente transmitidas nos escritos sagrados" (Lutero, 1525, p.105). Neste mesmo sentido, quando Erasmo sugere que os dogmas cristãos não são melhores que as opiniões filosóficas e humanas, Lutero afirma enfaticamente: "O Espírito Santo não é cético, e não são dúvidas ou meras opiniões que ele escreveu em nossos corações, mas afirmações mais seguras e certas do que a própria vida e toda a experiência". (Ibid., p.109).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os embates de Lutero e Erasmo se estenderam ao campo da salvação, onde para Lutero, é imprescindível que o cristão saiba que está em suas mãos e o que está nas mãos de Deus em questões relacionadas à Salvação. Já o ceticismo de Erasmo sugere que

assuntos relacionados a este tema são irrelevantes, porque o conhecimento está além da capacidade humana.

Lutero também crê que existam aspectos de Deus que estão em oculto e que as pessoas não consigam entender, mas isso não significa que um Deus oculto não seja motivo de preocupação para o crente. O crente deve "temê-lo e adorá-lo" (Ibid., p.201). Essa ideia faz sentido quando se considera que o medo, a ira e o sofrimento têm o efeito de preparar os crentes para a graça e, portanto, desempenham um papel em sua salvação. Mas o que dizer quando a ira e o sofrimento funcionam apenas para endurecer o coração das pessoas e garantir sua condenação? Lutero não pode e não dá uma resposta definitiva para essa pergunta. Os seres humanos não são competentes para julgar ou explicar por que uma pessoa recebe a salvação e outra não. É difícil de conceber a ideia de que o Deus onipotente pode ser justo e bom, e até mesmo misericordioso, quando Ele "salva tão poucos e amaldiçoa muitos"; (Ibid., p.138). Mas, através da fé e de sua interpretação da Bíblia, Lutero sustenta que Deus é de algum modo bom e justo. A fé na afirmação da bondade de Deus é absolutamente necessária para Lutero. No final de seu tratado *Nascido Escravo*, Lutero diz que, à luz da natureza (a racionalidade humana corrompida), tal afirmação é absurda, mas à luz da graça (a revelação de Deus em Cristo), a afirmação é crível, mas não demonstrável; e à luz da glória (o Reino escatológico que há de vir), as pessoas descobrirão de fato a verdade inquestionável daquilo que hoje só podemos acreditar.

Com isso, podemos dizer que, talvez um dos maiores legados da teologia de Lutero seja que ele não tentou fornecer uma teologia sistemática e formal completa com respostas para todas as dúvidas cristãs. Na realidade Lutero acredita que um cristianismo totalmente racionalizado é um cristianismo que acabará levando ao ateísmo ou ceticismo. Um cristianismo completamente racional não exigiria mais graça e fé em um Deus transcendente. Não há espaço para o livre arbítrio na teologia de Lutero, porque a vontade humana é mantida em completa dependência a Deus ou a Satanás. Sendo assim, para Lutero o ceticismo é impensável pois, sem a certeza de que Deus sabe todas as coisas, não ocasionalmente, mas necessariamente, os cristãos logo parariam de confiar nas promessas de Deus e então toda a fé seria perdida e o evangelho reduzido a uma falácia.

Para Lutero, a liberdade cristã não é uma conquista humana, mas um dom da graça de Deus. É uma dádiva revigorante, porque liberta os cristãos de sua obsessão por si mesmos e de sua própria salvação, a fim de agir de acordo com as reais necessidades do próximo, sem se preocupar com recompensas ou punições pessoais. Uma doutrina pura da fé liberta o cristão de preocupações egoístas, para que ele ou ela possa se preocupar puramente com o amor de Deus e o amor ao próximo.

4. REFERÊNCIAS

ARIÈS, P & GEORGES D. **História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes**, São Paulo: Schwarcz, Vol.3, 2009.

BASTOS, Mario J. M., Pecado, Castigo e Redenção: a Peste como Elemento do Proselitismo Cristão. Rio de Janeiro: Tempo, Vol. 2, 1997

BATISTA, B. **A narrativa neopirrônica**: uma análise das obras de Porchat e Fogelin. 2012. 267 f. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. 2012.

CONTE, J. O Início: Sexto Empírico e o Ceticismo Pirrônico. **Revista Cultura**. 2010, 121, pp. 39-42. Disponível em: <<http://conte.prof.ufsc.br/txt-cult.pdf>>; Acesso 29 Jun 2020.

_____, Montaigne e o Ceticismo, Introdução, Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina – SC, 1996.

DA COSTA, M. CETICISMO E RELIGIÃO EM MONTAIGNE **Interações**: Cultura e Comunidade, ISSN 1809-8479, 2011, v. 6, n. 10, pp. 51-62, Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313027316003>>; Acesso em: 11 Jul. 2020.

DA SILVA, E. O Papel Do Ceticismo Na Filosofia Do Jovem Hegel. 2008. 98 f. Tese (Mestrado em Filosofia) , Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte – Rio Grande do Norte, 2008.

EMPIRICO, Sexto. Hipotiposes Pirrônicas, Livro I, **O que nos faz pensar**, [S.l.], ISSN 0104-6675 v. 9, n. 12, p. 115-122, Jun 1997. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/130>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

_____. **Works**, Loeb Classics, Harvard Univ. Press, 4 vols, trad. RG Bury.

FILHO, Danilo Marcondes de D. **O argumento do Conhecimento do Criador e o Ceticismo Moderno**, 2007. Disponível em: <http://www.dbd.puc-rio.br/depto_filosofia/99_souzafilho.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

FRANCO, H. A idade Média: Nascimento do Ocidente. São Paulo Brasiliense, 2001

LUTERO, Martinho. **The Bondage of the Will**, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2008.

_____, Martinho. **Nascido Escravo**, São Paulo, Editora Fiel, 2016.

NOBERT, E. **A Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

PEREIRA, Oswaldo Porchat, **Rumo ao Ceticismo**, São Paulo, Editora UNESP, 2006.

PLATÃO (2006). **Górgias**, São Paulo: Edições 70, 1976.

POPKIN, Richard. **A história do Ceticismo de Erasmo a Espinoza**, Los Angeles: University of California Press, 1979.

_____. Novas considerações sobre o papel do ceticismo no Iluminismo, **Sképsis**, ISSN 1981-4534, n. 6, pp. 67-92, 2011. Disponível em: <http://philosophicalskepticism.org/wp-content/uploads/2014/06/4novas_consideracoes.pdf>; Acesso 1 Jun 2020.

_____, **Historia do Ceticismo de Erasmo a Espinoza**. Tradução de Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

R. MAIA NETO, José. **De Montaigne a Pascal**: do fideísmo cético à cristianização do ceticismo. O que nos faz pensar, [S.l.], v. 6, n. 08, p. 66-71, nov. 1994. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/73>>. Acesso em 1 Jun 2020

REALE, G, **História da Filosofia**: do humanismo a Descartes. São Paulo: Paulus. Vol.3. 2005.

_____, **História da Filosofia**: De Spinoza a Kant, Vol.4. São Paulo: Paulus, 2004.

SMITH, Plinio Junqueira. **Ceticismo**, Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 2004.

STANFORD, Encyclopedia of Philosophy. **Pyrrho**, 2002. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/pyrrho/>. Acesso em: 04 Mai 2020.

Contatos: matheussena@outlook.com e christian.medeiros@mackenzie.br